

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA



II SÉRIE — N.º 740 20 c.
26 de Abril de 1920

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal "O SÉCULO"

Director — J. J. DA SILVA GRAÇA
Propriedade de SILVA GRAÇA, LTD.
Editor — ANTONIO MARIA LOPES

NUMERO AVULSO, 20 ctv.

ASSINATURAS: Portugal, Colonias portuguezas e Espanha:
Trimestre 2\$60 ctv.
Semestre 5\$00
Ano 10\$00

Redacção, administração e oficinas: Rua do Saeza, 43 — LISBOA

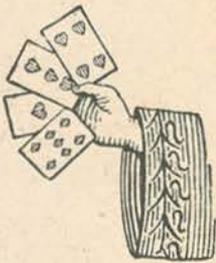


Sederia Suissa

directamente da Suissa, franco de porte a domicilio!
Peçam hoje mesmo amostras das nossas sedas novidades garantidas solidas para vestidos e blusas: Foulards, Tafeta, Crêpe, Eolienne, Falla, Cotele, Veo, Cambraia suissa, etc. desde fr. 2.50 o metro. Grandissima escolha em preto, branco e cor. Esta colleção é enviada franca contra remessa d'um sello postal de 5 centavos. Ao mesmo tempo offerecemos a colleção de vestidos e blusas cortadas e não-cortadas com verdadeiro bordado suiso, sobre Cambraia, Veo, Organdie, etc. desde frs. 9.85. Esta colleção é igualmente enviada franca contra remessa d'um sello post. de 5 cent.

Schweizers & Co. Lucerna E 11 (Suissa)

M.^{ME} VIRGINIA CARTOMANTE-VIDENTE



Tudo esclarece no passado e presente e prediz o futuro.

Garantia a todos os meus clientes: completa veracidade na consulta ou reembolso do dinheiro.

Consultas todos os dias uteis das 12 as 22 horas e por correspondencia. Enviar 15 centavos para resposta.

Calçada da Patriarcal, n.º 2, 1.º, Esq. (Cimo da rua d'Alegria, predio esquina).

O passado, o presente e o futuro revelado pela mais celebre e chiromante fisionomista da Europa



M.^{ME} BROUILLARD

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticínios. Pelo estudo que fez das ciencias, quiromancias, cronologia e fisiologia, e pelas applicações praticas das teorias de Gall, Lavater, Desbarolles, Lambrose, d'Arpenigney, madame Brouillard tem percorrido as principais cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do imperio e todos os acontecimentos que se lhe seque-

giram. Fala portuguez, francez, inglez, alemão, italiano e hespanhol. Dá consultas diarias das 9 da manhã as 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja)—Lisboa. Consultas a 1\$000 reis. 2\$500 e 5\$000 réis.



TRABALHOS
TIPOGRAFICOS

Fazem-se nas oficinas
da

"Ilustração
Portugueza"



Este homem conhece vosso

passado, presente e futuro

O seu poder maravilhoso surprehende todos aqueles que o consultam e que tem beneficiado dos seus conselhos.

Se V. Ex.^a deseja conhecer a sua vida e receber GRATUITAMENTE uma Leitura de Ensaio, queira enviar: o seu endereço, data de nascimento (dia, mez e ano) escripto bem ligivelmente pela propria mão de V. Ex.^a ao Professor POZZO, Rua de Seine N.º 12, Paris, França.



Os pedidos devem ser acompanhados de 20 centavos em sellos, para gastos de correio e de escriptorio, mas logo-se a finese de não enviar dinheiro em moeda dentro do sobrescrito.

Grande Descoberta

PROCESSO MODERNO DE REJUVENESCIMENTO

PELA DESCAMAÇÃO

FICA-SE MAIS NOVA 10 ANOS, SEM RUGAS
E COM A PELE LIVRE DE QUALQUER DEFEITO COM UM
TRATAMENTO DE 8 DIAS.

Resposta mediante estampilha

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

AVENIDA, 23

TELEFONE 3641 C

Reconstituinte
Alimento Phosphatado

BANANINE MIALHE

Creanças, Convalescentes,
Tratamento das enterites
8, Rue Favart, Paris

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

EDIÇÃO SEMANAL DE «O SECULO»

II Serie — N.º 740

Lisboa, 26 de Abril de 1920

20 Centavos

CRONICA

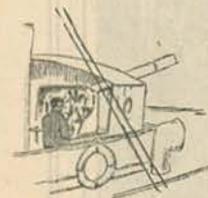
O PLANETA MARTE

Mais uma vez o planeta Marte chama a atenção dos homens de sciencia, em virtude de sons misteriosos ouvidos em varios pontos da terra, sem explicação plausivel, por quanto a de que procedam de Marte deve, por emquanto, ser posta de remissa, a acreditarmos em teorias correntes.

Marconi, o celebre inventor de tantas maravilhas, vai proceder a bordo do seu «yacht» a experiencias sobre o caso, além de outras de que, naturalmente, advirão para a humanidade vantagens mais de apreciar do que as que adviriam da comunicação

entre os habitantes terraqueos e os marcianos.

Efectivamente, se Marte é habitado, é muito provavel que o seja por seres mais inteligentes do que nós, de modo que, ao conhecermo-nos, seriamos apeados do trono que para nós proprios construímos, intitulado-nos «rei dos animais», designação que muito provavelmente todos os animais atribuem á especie respectiva...



LISBOA POLICIADA

Poderá, enfim, o lisboeta sair de noite sem receio de ser assaltado? Para tal se conseguir, o comando geral da guarda republicana vai estabelecer postos pela cidade, que ficará dividida em tres zonas de policiamento: central, entregue á policia civil, média a esta e á guarda republicana e exterior, quasi exclusivamente á guarda.

Se tal distribuição significa, como parece, confiança decrescente, do centro para a periferia, no bom senso dos habitantes, contando-se que a repressão tenha de ser mais frequente e energica nos arredores do que no coração da cidade, pedimos licença para observar que os antecedentes não justificam semelhante modo de ver. Na verdade vos dizemos que, em regra, antes queriamos atravessar as ruas de Algés á meia noite do que o Rocio em pleno dia.



ARTE E BUROCRACIA

O pintor aguarelista Alberto de Sousa, um dos artistas mais illustres da moderna geração, expoz alguns dos seus magnificos quadros no edificio do Museu do Carmo, vendeu-os e quando se dirigia não sabemos a que repartição publica para pagar 6 por cento do produto da venda, encontrou-a fechada, porque os funcionarios estavam em greve. D'aí a dias foi intimado a pagar a competente multa...

Não estranhamos que se force alguém a pagar multa por um delicto que não cometeu, tantas vezes isso se tem dado, mas o que nos deixa assombrados é o facto de existir uma lei pela qual se vai buscar á bolsa d'alguem uma parcela do que recebeu em paga d'um trabalho artistico. O pintor, o poeta, o musico, o escultor espalham a beleza, encantam, civilisam, distribuem pedacos da sua propria alma, honram o Estado—e este, em vez de agradecer e de pagar, reclama participação nos lucros, como se para a obra d'arte tivesse contribuido, a não ser com a sua influencia negativa, com uma impertinencia que obriga o artista a dispensar-lhe o auxilio!

Agora, que o sr. ministro das Financas vai apresentar ao Parlamento varias medidas alterando e remodelando contribuições, lembremos a necessidade de se abolir este imposto, que bem pode denominar-se «imposto sobre o talento», tanto mais que deve figurar no orçamento com insignificantissima verba...

Acacio de Paiva.

(Ilustrações de Rocha Vieira)

CONFERENCIA INTERNACIONAL DE TRABALHO

Só agora vemos na imprensa portugueza allusões á Conferencia Internacional de Trabalho, realisada em Washington em 20 de outubro do ano findo, com a presença d'um delegado do nosso paiz, o sr. dr. João Camoezas.

Relata esse conferente interessantes factos que ali se passaram, debates que levarão dentro de pouco a realisações praticas e, do que expoz, depreende-se que não houve oratória palavrosa e inutil: cada orador disse o que tinha a dizer, nem mais nem menos, respeitaram-se as idéas de operarios e patrões e transigiu-se mutuamente, até onde foi possível.

A nota final do relato, que o sr. dr. João Camoezas fez ao reporter que se lhe dirigiu a colher informação, merece particular atenção: «A exclusão das trabalhadoras agricolas, das medidas protectoras, antes e depois do parto, foi admiravelmente atacada pelo operario Joubaux. Na discussão d'este assunto tomaram parte activa e brilhante as mulheres que, como conselheiras tecnicas, representavam a Inglaterra, a França, a Suecia e a Noruega».

Assim, chamando competencias, é que uma assembléa se acredita. Entre nós todos se imaginam enciclopedicos e não seria de estranhar que, mesmo em partos, em Congresso semelhante, qualquer dos nossos homens publicos se julgasse habilitado a falar de papo.



LISBOA ANTES DE D. AFONSO HENRIQUES

por
A. Vieira da Silva

Vieira da Silva, o erudito autor de tantos estudos excelentes sobre Lisboa, dá-nos hoje sobre a cidade um trabalho novo. Que os leitores o leiam e algo ficam sabendo dos tempos em que não havia nem elétricos sem lugar nem assucar ou azeite à bicha.



Torre moura na Costa do Castelo.



LISBOA nem sempre foi a extensa e populosa cidade que hoje é. Tempos houve em que ela se reduzia a algumas choupanas dispersas no monte do Castelo de S. Jorge, pela encosta que desce até ao Tejo.

Como de quasi todas as cidades antigas, tambem a origem de Lisboa se perde nas trevas dos seculos. Ignora-se quando foi fundada, e quem foram os seus fundadores.

D'ela falam os autores gregos e latinos, envolvendo-a em lendas de que os nossos escritores se aproveitaram conscienciosamente para demonstrar a illustre origem da cidade, para provar que nos seus arredores eram os celebrados Campos Elysios, e ainda varios outros factos, a que o bom do capitão Luiz Marinho de Azevedo, e outros, dedicam ingenuamente muitas paginas.

A fundação de Lisboa por Ulysses só pode ser aceite hoje por quem quizer tratar a questão poeticamente. Era comoda a derivação de Lisboa do nome do heroe grego, mas no seculo XVIII Samuel Brochart deduziu que a denominação «Olisipo», por que na antiguidade era designada Lisboa, é corrupção de uns termos fenicios «alis ubbo» que significam «enseada amena». D'aí resultou attribuir-se aos mais illustres navegadores da antiguidade, a fundação, no monte do Castelo, de uma colonia que mais tarde veiu a ser a cidade de Lisboa. A extensão, profundidade e segurança do estuario, que proximo da sua foz fórma o rio Tejo, poderiam explicar não só a criação do nome da povoação, mas, conjuntamente com a amenidade do clima, a disposição facilmente de-

fensavel que então apresentava o monte do Castelo, cercado de fosso maritimo por tres lados, com agua potavel e escarpados inacessiveis, a fertilidade dos seus arredores, a abundancia de caça e de pesca, poderiam justificar a escolha feita por aqueles navegadores, para a fundação de um centro comercial, e de «étape» para as suas longinquas excursões pelo Oceano Atlantico. Alguns auctores são porém de opinião que na palavra «Olisipo» figura o sufixo «ipo» ou «hippo», comum a varios outros nomes de terras da peninsula, e que significaria «fortaleza», explicação que se adaptaria admiravelmente á obra defensiva construida no alto do monte do Castelo.

N'aqueles tempos entrava pelo sitio que é hoje a «baixa» da cidade, um braço do Tejo, largo e profundo, onde as aguas do rio executavam os seus movimentos de fluxo e de refluxo. Inundava até certa extensão os vales da Mouraria e da Avenida da Liberdade (antigo Valverde), que o monte de Sant'Ana divide, e cuja base mergulhava nas aguas do esteiro. O monte do Castelo pelo oriente, e o de S. Francisco pelo occidente, ficavam em umas partes sobranceiros ás aguas da baía, e em outros sitios apresentavam as suas encostas declives extremamente asperos.

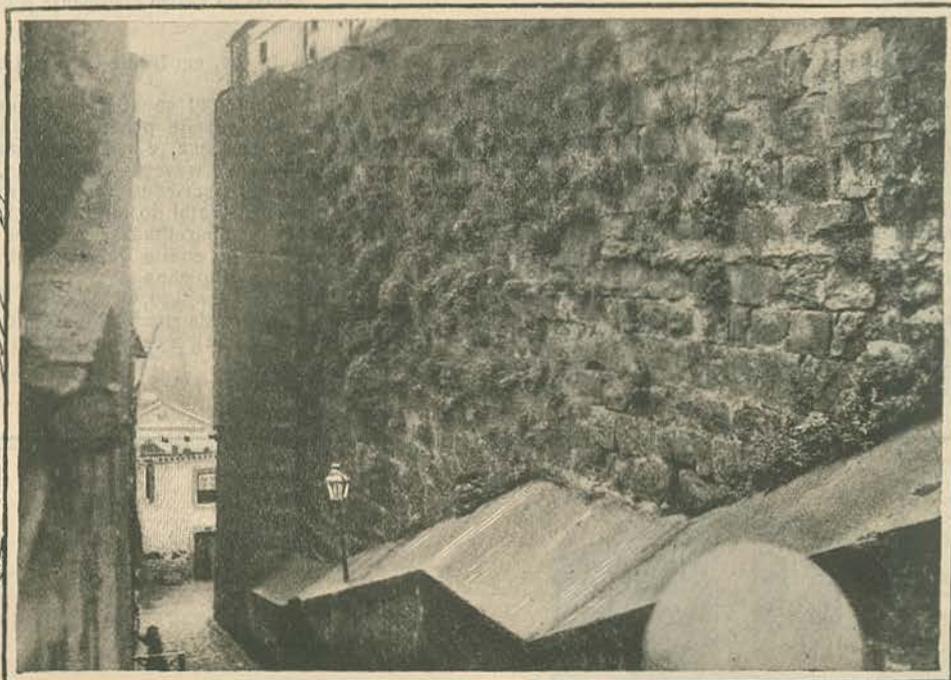
Não se pode hoje precisar a linha que ao longe do trajecto do braço do Tejo separava a terra da região alagada, nem tão pouco até onde chegara o movimento das marés, mas a existencia d'esse esteiro é comprovada por considerações orograficas, geologicas, por sondagens, e por varias descobertas de trabalhos feitos pelos homens, actualmente soterrados. O successivo aumento da população exigiu o entulhamento do es-

teiro do Tejo, para o que grandemente contribuíram também os agentes naturaes, já pelo desmoronamento das encostas, já pelos açoriamentos provocados pelas chuvas e pelas marés.

Povos de varias origens entraram sucessivamente na península iberica, apoderando-se alguns da cidade, até que os romanos a conquistaram pelo ano 205 A. C. Foi Lisboa elevada á categoria de «município romano», e transformada em «Olisipo» a denominação fenicia ou primitiva da cidade. Depois de Julio Cesar (100 a 44 A. C.) também era oficialmente designada por «Felicitas Julia», segundo consta de varias inscrições romanas encontradas, de que a mais antiga se refere ao ano 75 D. C., e a mais recente a meados do secul III (anos 244 a 248).

ruínas do terremoto de 1755. Em diversos pontos de Lisboa se teem encontrado vestígios da civilização romana, taes como objectos de economia domestica, moedas e medalhas, sepulturas, etc.; mas como documentos da importancia do município romano vamos mencionar aqui alguns dos seus edificios principaes, como um anfiteatro, duas termas, e um outro cujo destino se ignora.

Ficava situado o anfiteatro romano entre as actuaes ruas de S. Mamede e da Saudade, onde hoje se vê um terreno ajardinado, com forte declive, perto da nova Ermida dos SS. Crispim e Crispiniano. Era dedicado a Nero, e foi construído pelo ano 57 D. C., como se conclue da inscrição votiva que tinha. Foi posto a descoberto em 1798, e estudado por Luiz Antonio de Azevedo; depois foi



Lanço de muralha da cerca moura na calçada de S. João da Praça, antiga rua d'Adiça.

Nenhum vestigio se conhece em Lisboa dos povos que dominaram anteriormente aos romanos, e d'estes mesmos poucas memorias se conservam, mas essas poucas são suficientes para demonstrar que os romanos exerceram larga influencia na população de Lisboa, e que esta se mostrou sempre reconhecida aos beneficios e atenções que recebia do povo-rei.

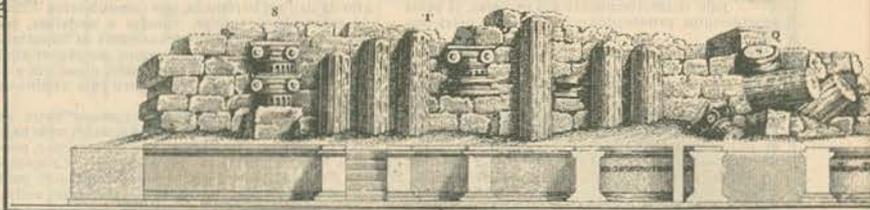
Além das inscrições comemorativas em lapides de marmore, de que algumas se podem vêr na parede de um prédio na travessa do Almada, á Madalena, no Museu Etnografico Português, e em poucos sitios mais, conserva-se a memoria, pelos livros dos nossos antigos escritores, de um grandissimo numero, que existiam espalhados por varios pontos da cidade.

Essas lapides foram empregadas nas suas construções, como pedras de alvenaria, pelos sucesores dos romanos, postas a descoberto um dia, e novamente perdidas; outras, que constituíam o maior numero, foram extraviadas em epochas mais recentes, e especialmente quando se tratou de reedificar a cidade com os materiaes das

de novo coberto com terra, e sepultado provavelmente para sempre.

Umás termas, dedicadas aos «Cassios», eram no sitio onde se levanta o palacio Penafiel, actualmente do Estado, na rua de S. Mamede. Foram construídas pelo ano 49 A. C., e reconstruídas em 336 D. C., segundo resava a respectiva inscrição. Descobriram-se em 1771 ou 72, por ocasião da construção do palacio, e ficaram depois ocultas pelo mesmo; consta que ainda resta uma cisterna no interior do edificio.

Outras termas, denominadas «dos Augustaes», ficavam situadas pelo cruzamento da actual rua da Conceição (dos Retrozeiros), com a rua da Prata. Pela sua inscrição, que ainda existe embebida n'uma das paredes interiores da loja que tem os n.ºs 79, 81 e 83 da rua da Conceição, se deve attribuir a construção ao tempo de Tiberio (14 a 37 D. C.), e a reedificação ao de Constantino (313 a 337). Foram descobertas em 1770, depois em 1773 quando se abriu o cabouco para o coletor da rua da Prata, estudadas n'este ultimo ano, e novamente descobertas e estudadas em



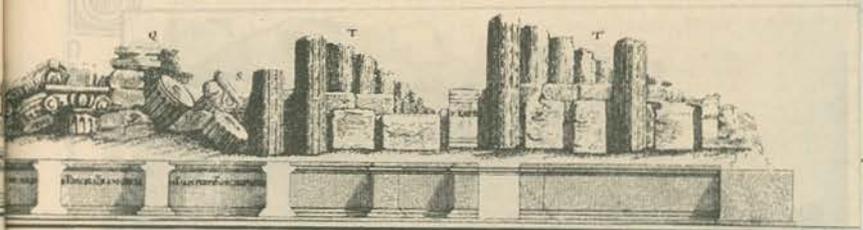
Ruínas do Teatro Lisboense achado a S. Mamede

1859. Entulhado o esteiro do Tejo, ficaram estas termas soterradas, e sobre elas se construíram mais tarde casas e abriram ruas de um dos bairros judeus de Lisboa, chamado «Judaria Velha» ou «Grandes». Havia vários poços que eram alimentados pelo mesmo lençol d'água, um dos quaes se denominava poço de Fotea, denominação de origem hebraica; ficava próximo da linha que separava a comuna hebraica da população cristã, e na Lisboa actual, o seu logar era na rua de S. Julião, a meio da distancia entre a rua da Prata e a rua dos Fanqueiros. Nos arredores do local onde existiram as termas romanas, e alimentados pelo mesmo manancial, ainda ha hoje alguns poços no interior dos predios, e a entrada para as termas é por uns alçapões fechados com tampas de chapa de ferro.

no passelo da rua, em frente da porta que tem o n.º 61 na rua da Prata.

Quando por 1749 se abriram os caboucos para a construção do grande prédio que forma a face norte do largo da Madalena, e esquinhas para a rua do mesmo nome e para a travessa do Almada, encontraram-se as lapides com inscrições que se conservam embebidas na parede oriental do mesmo prédio, e além d'isso muitas pedras aparelhadas, pedaços de columnas, e diversos vestigios, emfim de ter ahi havido uma suntuosa construção romana.

A tradição diz ter sido, pelos sitios do actual palacio Bragança, no alto da rua Victor Cordon (antiga rua do Ferregial de Cima), a casa de recreio dos prelores romanos.



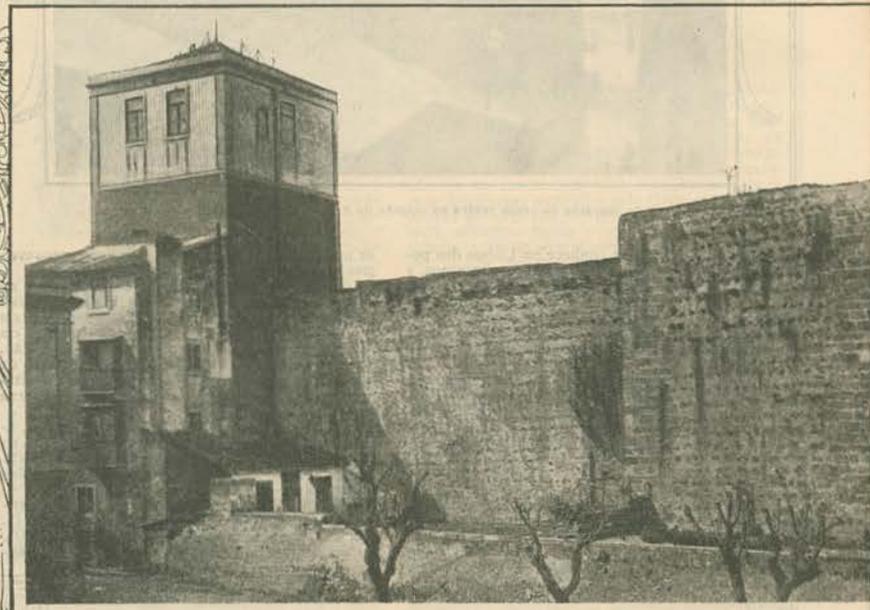
(ao Caldas) de que trata Luiz Antonio de Azevedo.

Para terminar mencionaremos a descoberta, feita em 1839, n'uma excavação na rua do Arco do Limociro, de um massiço de alvenaria, que pelo material, forma de construção, e por outras circunstancias se supoz ter sido um pedestal de estatua do tempo do dominio romano; e outra feita em 1859, na rua da Conceição, em frente da rua dos Sapateiros (do Arco do Bandeira), que os peritos entenderam ser o restante de uma torre ou atalaia romana, para defesa do esteiro do Tejo.

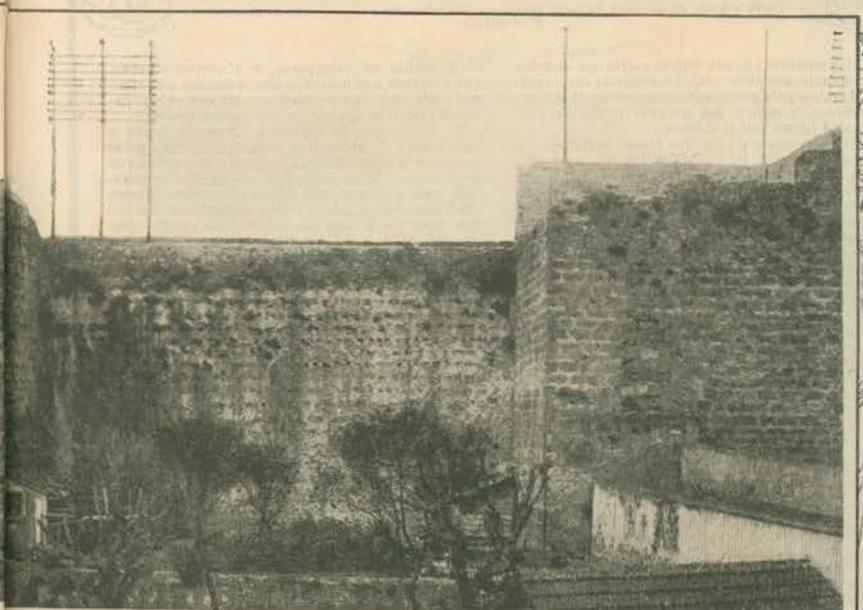
Pois todos estes vestigios de uma brilhante civilização jazem hoje soterrados, esquecidos, e mal estudados, e se não fosse a idéa d'aqueles que, por méra curiosidade, se lembraram de escrever resumidas noticias na occasião em que foram postos a descoberto, era

natural que hoje mesmo ignorassemos a existencia do que acabamos de mencionar. Contemporanea dos monumentos citados, ou da epoca em que ainda se conservavam de pé ou em serviço, nem uma unica citação se conhece, manuscrita ou já publicada.

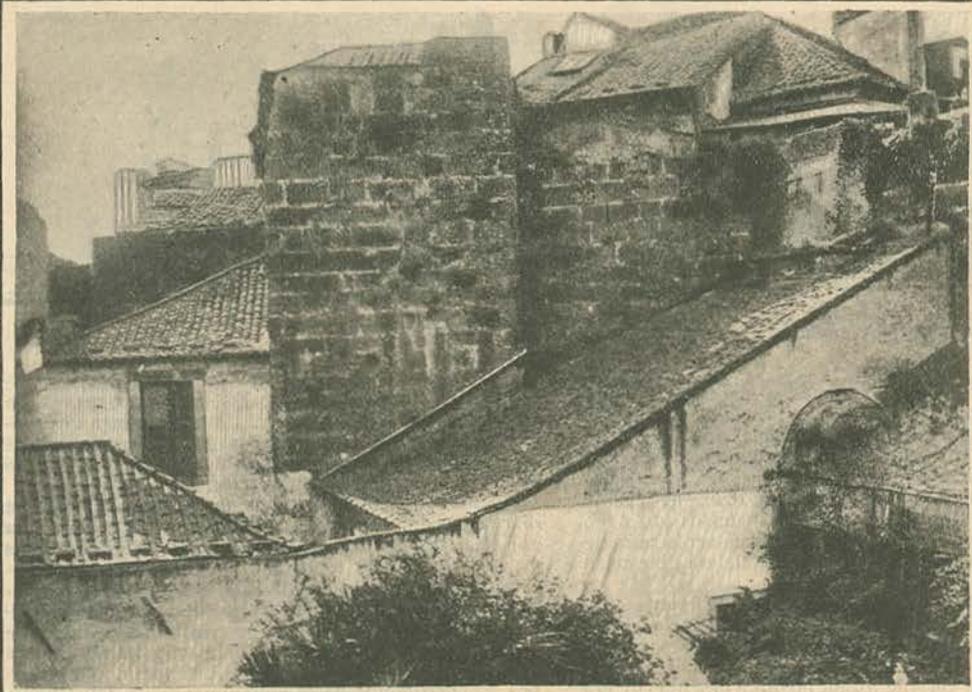
Invadida a península pelos povos a que chamavam «barbaros do norte», ou a cidade tomada e devastada por eles, até que caiu em poder das tribus mussulmanas do norte de África, pelo ano 714 D. C. Estas conservaram-n'a em seu poder até 1147, em que foi definitivamente conquistada pelo exercito de D. Afonso Henriques aliado com tropas de origem franceza, inglesa e alemã, que n'uma armada se dirigiam á Palestina para conquistarem os logares santos. A denominação «Olisipo» foi corrompida pelos mussulmanos em «Olissipona»



Lanço de muralha do Castelo dos



Mouros no Castelo de S. Jorge



Torre e lanço de muralha da cerca moura nas trazeiras das casas da Rua do Infante D. Henrique.

em «Ulyssipona», e que outros escreviam «Luxbona», d'onde resultou que, corrompida mais tarde em «Lixboa» pela gente que acompanhava D. Afonso Henriques, e natural das margens do Douro, deu origem á forma actual «Lisboa».

Durante a posse de um dos povos barbaros, para templo cristão, ou dos mussulmanos, para mesquita, foi construído o edificio da actual Sé, ou Basilica de Santa Maria Maior. Alguns autores atribuem porém aquella construção a D. Afonso Henriques, para servir para as cerimoniaes do culto cristão, no local onde tinha sido a mesquita dos mouros, cuja existencia, no ano da conquista (1147), é documentada n'uma carta contemporanea do acontecimento.

Remontam provavelmente á mesma epoca os alicerces da cadeia civil do Limoeiro, e uns canos ou estrada coberta que saíam d'aquelle edificio, ou do que existiu primitivamente no local do mesmo. Os citados canos, de que ainda restam fragmentos, passam sob a rua da Judiaria, á Alfama, e pelas suas consideraveis dimensões indicam, qualquer que tivesse sido o seu destino, que era importante o edificio a que davam serventia.

A' epoca do dominio mussulmano, se não anterior, remontam os banhos chamados «alcaçarias», dos quaes provém a denominação de «Alfama» para o bairro ou região em que se acham situados. Conserva-se a lembrança de outra mesquita moura, no local da igreja de Santa Cruz do Castelo, e a do palacio do alcaide mouro ou governador da cidade, no interior do recinto mais elevado do Castelo de S. Jorge.

Um outro monumento resta hoje, conquanto bastante arruinado, dos povos que se apossaram da cidade depois dos romanos, e antes do principio da monarchia. E' a forte linha de muralhas e de torres que cercava e defendia a cidade. Essas muralhas constituíam o re-

cinto militar ou «alcaçova», e a «cerca moura», que abrigava a população; são chamadas «mouras» por tradição, pois é possível que tenham sido construídas pelos visigodos, ou por outros povos.

A «Alcaçova» ou fortaleza, chamada desde o seculo XVI «Castelo de S. Jorge», é limitada pelas muralhas que encerram a freguesia de Santa Cruz do Castelo. A um canto fica um recinto de muralhas, mais acanhado, que depois do dominio filipino chamavam «castellejo», e hoje denominam «castelo dos mouros». A uma das torres deste castelo chamavam «de Ulysses», e tambem «do Tombo», por ter tido n'ela origem o primeiro arquivo dos documentos officiaes de todo o reino; n'outra foi instalado nos fins do seculo XVIII um observatorio geodesico, origem das coordenadas da carta corografica de Portugal; tem duas portas, uma ao norte, sobre a encosta, chamada da «Traição», e outra, ao sul, para o interior da Alcaçova.

Nas muralhas da Alcaçova tambem existem duas portas; uma ao norte, chamada «do Moniz», ou «de Martin Moniz», e outra ao sul, que é a entrada principal para o castelo, e se chama porta «da Alcaçova» ou «de S. Jorge». No interior do recinto ha tres extensas paradas, conhecidas por designações especiaes; a do norte por «praça nova»; a do poente por «bateria dos morteiros»; e a do sul por «praça d'armas»; de todas elas se desfrutam vastos panoramas da cidade, segundo as direcções em que estão orientadas.

No angulo SO das muralhas da Alcaçova inseriam-se as da «cerca moura», que desciam pela encosta do monte até ao nivel do Tejo, junto do actual Arco Escuro. N'este longo de muralhas abriam-se duas portas. Uma, chamada «de Alfama», quasi á esquina das actuaes ruas do Milagre de S.^{to} Antonio e de S. Bartolomeu, dava communicação para uma estrada que a meia altura o monte do Castelo faria a sua circunva-



lação, terminando no largo das Portas do Sol; constitue hoje a Costa do Castelo e a rua do Infante D. Henrique. A outra, chamada porta «do Ferro», e também «Arco da Consolação», era no sítio do actual largo de S.^{to} António da Sé, e estabelecia a comunicação com a parte baixa e com as hortas dos arrabaldes orientaes.

Proximo do Arco Escuro faziam as muralhas da «cerca» um angulo recto para nascente, e seguiam ao longo da actual rua dos Bacalhoiros, do Campo das Cebolas e do Caes de Santarem, até ao extremo oriental do chafaris d'el-Rei. No tempo da construção batia o mar no pé da muralha, ou pelo menos havia na sua frente uma pequena praia.

Na extensão mencionada ainda se conserva parte dos muros, que se conhecem no interior de algumas lojas, e o chamado «Arco de Jesus», que é a unica porta que, no referido lanço, não oferece duvida que remonta á construção primitiva. O chafaris d'el-Rei, abundante manancial de afamadas aguas, teve origem provavelmente na epoca do dominio mussulmano, mas é provavel que o seu local primitivo fosse no interior da «cerca», e não exteriormente a ela, como hoje está; a transferencia foi talvez mandada fazer por D. Diniz, e do seu autor lhe provirá a denominação.

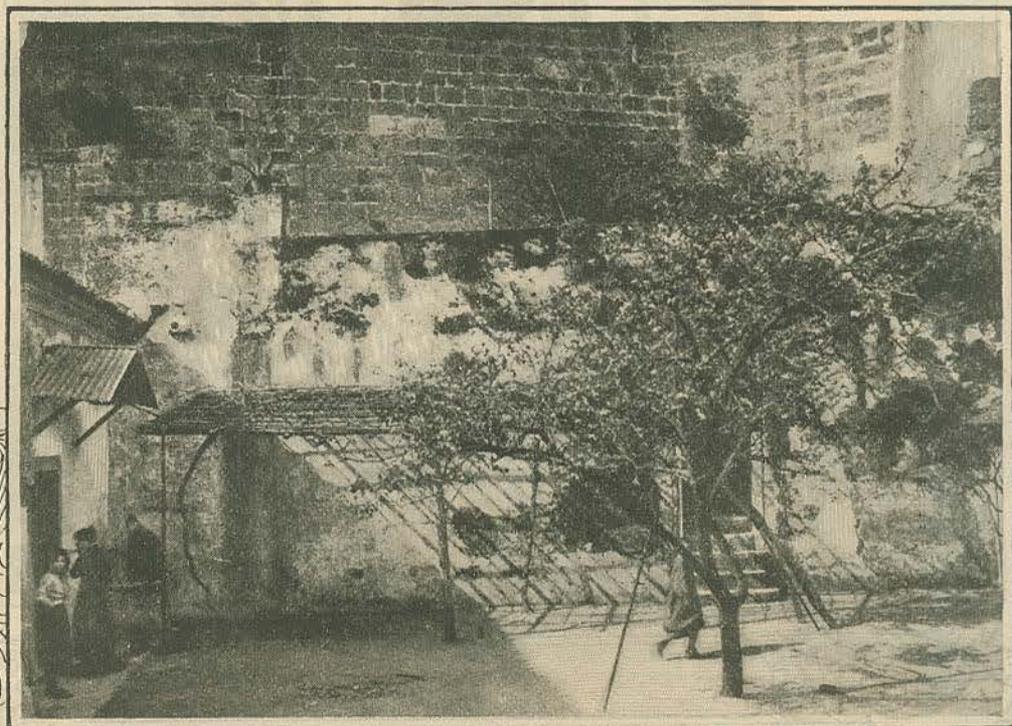
Junto do chafaris faziam as muralhas da «cerca» um novo angulo recto para o norte, e trepavam pela encosta até se irem inserir novamente nas da «Alcaçova», no seu angulo SO. Neste lanço existiram duas portas; uma, conhecida por porta «da Alfama», ou «Arco S. Pedro», era na actual rua de S. João da Praça, proximo do largo de São Rafael, e dava serventia para os arrabaldes orientaes; a outra, chamada «Portas do Sol», era no largo da mesma denominação, no cimo da ingreme Calça-

da de S. João da Praça (antiga rua da Adiça), e, da mesma forma que a porta de Alfafa, estabelecia a comunicação com os arrabaldes do norte.

A linha defensiva contituida pelas muralhas tinha ainda varias torres destacadas das mesmas, e que a elas se uniam por lanços de muros, para dificultar a aproximação do inimigo. Uma d'essas torres ficava na estrada de circunvalação ou Costa Castelo, proxima do sitio onde n'aquella costa desembocam as escadinhas da Costa do Castelo; uma outra era junto á praia, no angulo SO da cerca, e parece que era esta que mais tarde chamaram torre «da Escreveninha»; uma terceira ainda se conserva no largo de S. Rafael e chamavam-lhe torre «da Alfama» e também «de S. Pedro», por estar proxima da igreja d'esta invocação; era destinada á defeza da porta da «cerca», que tinha aquelas mesmas denominações. Além d'estas, é natural que outras torres existissem para complemento da bem estudada e bem construida linha defensiva, cuja resistencia obrigou as tropas de D. Afonso Henriques, aliadas com os cruzados, a um cerco de 4 meses e meio, aproximadamente, antes que a cidade capitulasse.

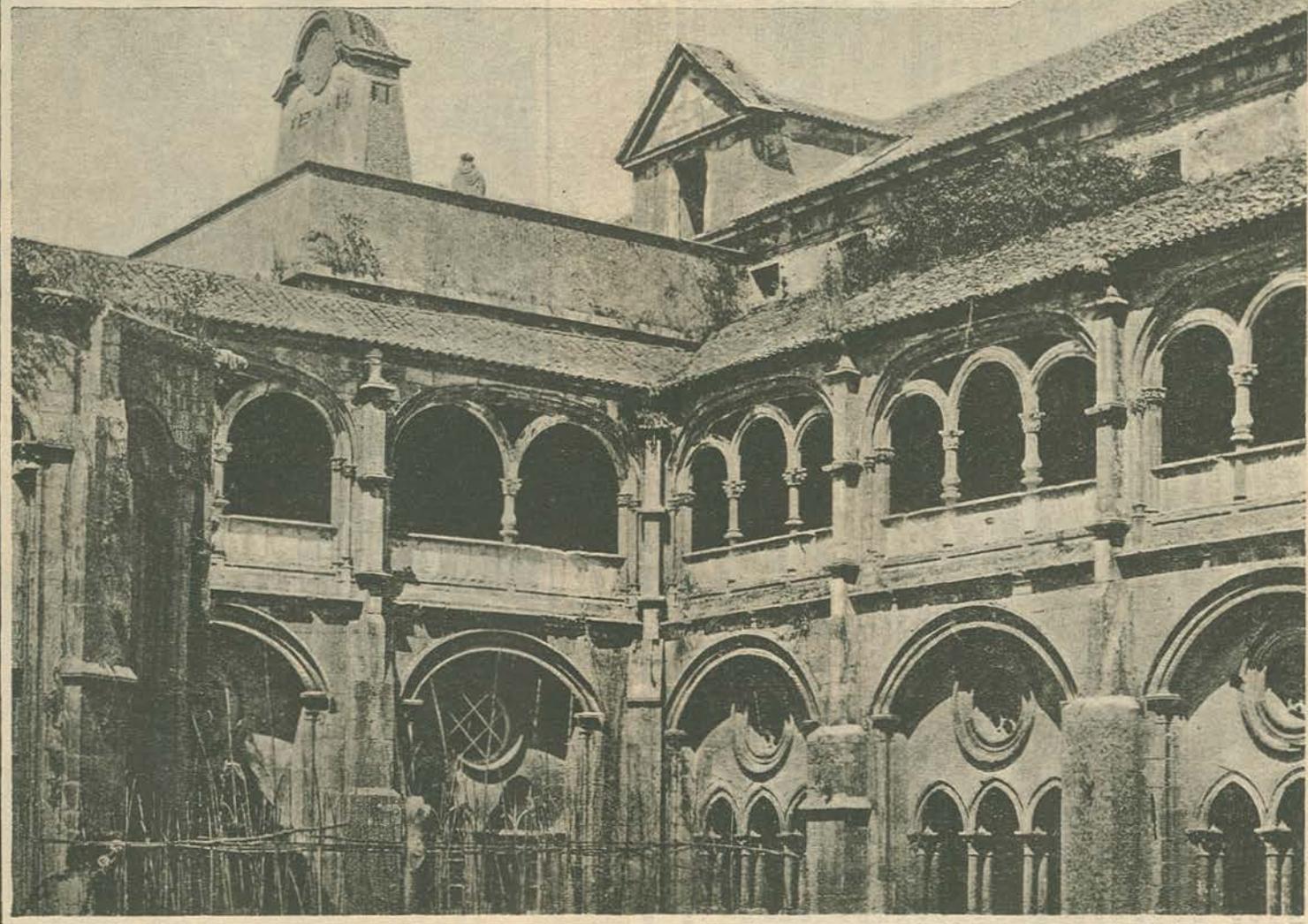
Quando a cidade foi conquistada aos mouros, em 1147, já aquella linha era insufficiente para encerrar todos os moradores, e os arrabaldes já estavam coalhados de habitações pertencentes a cristãos, a judeus e naturalmente também aos mussulmanos. Para beneficio e interesse reciproco viviam os christãos e judeus junto das muralhas da cidade dos mussulmanos.

Vê se pois quão acanhada era a area que podemos delimitar para a nossa cidade antes da monarquia, que mede 15,60 hectares, area que muitas das nossas actuaes vilas desdenhariam e quão longe está dos 8245 hectares que hoje abranje o municipio de Lisboa.



Lanço de muralha da cerca moura nas trazelras das casas da Rua do Infante D. Henrique, (Um pitoresco recanto inédito).

(Clichés de Serra Ribeiro).



ALCOBAÇA — Exterior do claustro d'el-rei D. Diniz

(Cliché Serra Ribeiro)

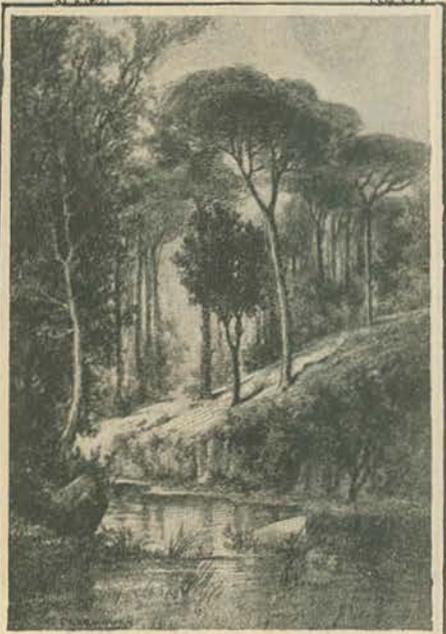
VIDA ARTÍSTICA



D. Francisco Casanovas

A EXPOSIÇÃO

D. Francisco
Casanovas



Pinhal

mano que pinta se serve, os carvões do artista catalão merecem um lugar de destaque. E como nós muita e boa gente o mesmo pensa.



Costa Catalã

D. Francisco Casanovas é um artista notável. Os seus carvões são obras primas, trabalhos curiosíssimos, que têm cunho próprio e que qualquer dos nomes grandes da pintura apreciaria como entendedor, e não lhes regatearia elogios. A sua exposição é por isso um interessante espectáculo artístico, a que nem os artistas nem o publico faltarão, uma prova do muito que Casanovas vale como artista e de quanto sabe trabalhar e com todo o amor trabalha. Estamos certos que, entre as aluviões de tela pintada, aguarelado papel, de pastel, de oleo, de todos os processos de que o bicho hu-



Arvoredo

(Clichés Serra Ribeiro)

Casamento de Poetas



A doutora Paulina Luisi

Feminismo internacional

Uma das actualidades destes ultimos dias, foi a passagem por Lisboa da ilustre feminista Dr.ª Paulina Luisi. Nascida na Argentina, o seu campo de acção tem sido em Montevideo, onde o seu nome se tornou verdadeiramente um simbolo, a ponto de o governo do Uruguay a ter escolhido, como delegada aos congressos, não só feministas mas tambem da juventude espano-americano, que deverão realizar-se este ano em Genebra, Cristiania e Madrid.

O principio fundamental para as suas reivindicações é o de uma mesma moral para ambos os sexos.

As suas campanhas contra o alcoolismo, tuberculose e prostituição e a favor das creanças e da cultura da raça, têm sido acolhidas com o mais fervoroso aplauso, não só em todos os meios americanos, como tambem europeus. Medica notavel, todos os seus trabalhos assentam sobre bases scientificas e filosoficas, o que demonstrou por forma eloquente na admiravel conferencia que realizou no passado dia nove de abril, no salão nobre da Associação dos Lojistas de Lisboa.

A sua passagem por esta capital ficará como lição fecunda para todos que se interessam pela emancipação humana.

A Dr.ª Paulina Luisi representará, nos congressos a que assistir, o Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, levando assim o nome de Portugal aos centros mais cultos da Europa. Não podemos deixar de nos congratular com este facto que redundará em honra da Patria.



A poetisa Beatriz Delgado e o poeta Julio Trindade com quem acaba de se consorciar.

A MOROSA

O meu pálido amigo, ó meu encanto,
que enches a minha vida de alvorada,
fita-me bem: eu sou a tua amada
e tu és o Romeu que eu amo tanto.

Crava no meu o teu olhar bemdito
e deixa-me viver assim ditosa.
Tu'alma é como o orvalho; a minha é rosa;
eu sou a terra e tu o Infinito.

Depois, sem medo, dá-me a tua boca
(perdoa a fantasia ardente e louca)
E deixa-me viver no Paraizo.

E ao despertar do ósculo amoroso
verás surgir, altivo e glorioso,
o meu amor na chama dum sorriso.

Janeiro 1920.

BEATRIZ DELGADO.

MONDEGO

Eu sei, ameno rio deleitoso,
— Em cujas aguas vogo a meditar—
Que vai aborrecer-te o meu cantar
Singelo, pobresinho, desditoso...

O teu nome lindissimo, saudoso,
Por mil peitos cantado á luz do luar,
Não pode ouvir minh'alma soluçar,
Nem pode ouvir meu coração choroso.

Mas perdôa-me tu, manso Mondego,
E leva-me a sonhar, neste socego,
Até á fina areia do Choupal;

E ao beijares os pés das lavadeiras,
Decóra-lh'as cantigas, as maneiras,
E esquece o meu amor sentimental.

Coimbra, Mondego, Janeiro, 1920.

JULIO DA TRINDADE.

A manifestação de aplauso ao Governo e os atentados dinamitistas



O cortejo saindo da Praça dos Restauradores

E' sem duvida este governo digno de todos os aplausos, pela sua orientação aparte da politica partidaria e pelas suas intenções á frente das quais está o barateamento da vida. E, porque muita gente concordasse com a sua obra, um grande numero de pessoas deliberou promover uma manifestação de aplauso, o que se realisou, formando os manifestantes um longo cortejo que, com inumeras bandeiras, da Praça dos Restauradores se dirigiu ao Terreiro do Paço. Tudo decorria na melhor ordem quando alguns bandidos se lembaram de arremes-

sar sobre a multidão tres bombas de dinamite que, além do panico, causaram perto de quarenta vítimas. A nossa reportagem mostra o cortejo saindo após ter-se constituido e alguns instantaneos que com perigo de vida, logo após o rebenotar das bombas, para a *Ilustração Portuguesa*

toram tirados. Um representa a prisão de um dos facinoras dinamitistas, o outro é um incidente dos primeiros segundos após o atentado. Um marinheiro avança, um policia indaga, um popular ainda de revólver engatilhado retira emquanto um dos



A prisão de um bombista, que o povo pretende linchar



bomba sobre a multidão indefeza não pode ser nunca obra de sinceros idealistas mas de tresloucados ou criminosos odientos. Todavia, no tempo e no espaço só as obras grandes e belas ficam. Só a Beleza e a Bondade são eternas. Pequenas gentes são as que não vêem para além e por odio ou estupidez se entreteem a semear o terror e a desgraça á sua volta. Como se acaso valesse a pena

Após o rebentar das bombas: «Viva a Republica»

manifestantes grita agitando a bandeira: «Viva a Republica!» O Sr. Presidente da Republica e o do ministerio visitaram os feridos no Hospital de S. José, onde ainda se encontram de cama e impossibilitados de andar. Não. Decididamente atirar uma



Os srs. presidentes da Republica e do ministerio, ministro do Trabalho e director dos Hospitais dirigiram-se ás enfermarias para visitar os feridos.

matar irmãos porque não têm o mesmo credo, chacinar semelhantes porque querem a um outro ideal...



(Clichés Serra Ribeiro)



A visita aos feridos. No primeiro plano o sr. coronel antonio Maria Baptista



VIDA ELEGANTE

O casamento do tenente medico dr. Joaquim Gomes Coelho com a Ex.^{ma} Sr.^a D. Lidia da Silva Mateus, A.^a saida da igreja parochial dos Anjos.



PELO EXERCITO.—ESCOLA DE METRALHADORAS PESADAS



Uma das provas. O jurí assistindo

(Clichés Serra Ribstro).

Com as metralhadoras *Lewis* e *Wickers* realisaram-se ultimamente na Escola Militar uns exercicios que chamaram bastante concorrencia de tecnicos e que foram interessantes. Tratava-se das provas de officiaes e sargentos d'aquella arma, que foi das que maior accção teve na grande guerra como se sabe.

VIDA LITERARIA



Augusto Santa Rita autor da peça Lobos no povoado.

Orlando Marçal, escritor e variamentar

Alberto Pimentel, filho, autor das Lições de Pedagogia Geral.



Vida literaria plena. Alberto Pimentel dá-nos a 2.ª edição de um primorossilissimo romance. O grande mestre da prosa sabe enternecer e ser grande sendo simples. Seu filho dá-nos um completissimo trabalho sobre pedagogia.

Afonso de Dornelas o 6.º vol. da sua *Historia*, obra de que já os primeiros volumes são raros, sendo estimadissimos todos, e dois novos. Antonio Ferro e Valerio de Rajanto dão-nos respectivamente a *Teoria da Indiferença* e *Os segredos da avó*, livro de sabor nichesco. Augusto Santa Rita estreia-se no teatro com a peça *Lobos no povoado* que tão apreciada tem sido e Orlando Marçal realisa a sua conferencia na Societê Amil-

Alberto Pimentel, autor de A Princesa de Bolvão.

Afonso de Dornelas, autor da Historia e Genealogia.



Antonio Ferro, autor da Teoria da Indiferença



Valerio de Rajanto, autor de Os segredos da Agula.

cale Franco-Portugalse sobre o regionalismo e a *Adeia Portuqueza*. Chela, plena como se vê a nossa vida literaria.

1841

1920

A Casa DUN

fornecer ha 79 anos

INFORMES
COMERCIAES

sobre todas as casas do mundo.

LISTAS

de fabricantes, exportadores e importadores de
qualquer artigo.

CARTAS DE
APRESENTAÇÃO

gratuitas para todas as suas sucursaes.

NUNCA fez outra coisa e a sua razão social é por toda a parte **A MESMA**

R. G. DUN & Co.

Fundada em New York em 1841

247 SUCCURSAES nas cinco partes do mundo

11 succursaes proprias na Peninsula

Central para PORTUGAL: 103, Rua do Comercio-LISBOA
Sucursal: 10, Rua do Almada-PORTO

M. FONT

Director geral para a Europa Occidental



A. MASCARÓ

Director para Portugal e Colonias

1920

1841

MONNA VANNA

sous embriagados perfumes



ULTIMAS CREAÇÕES

MAGNATIC
LILAS D'OR
L'OISEAU BLEU
PAVLOVA

PARFUMERIE MONNA VANNA PARIS-NEUILLY

Casamentos rápidos e vantajosos

170.000

peços ouro entregam-se a cavalheiro serio, demonstrando honestidade e boas referencias, que despose senhorita, 30 anos, educada e bondosa. Evitar escandalo social. Escrever a **Matrimonial Club of New-York, Porto.**

Contestam-se todas as cartas, observando-se absoluta reserva.

Franquear certas para resposta segura

P-2617-6 in. D. C.—Y. & T.—J. R. Kay Co.

Massagem Gimnastica

ANTONIO Infante do American Colleg. of Mecanotherapy. — Escrever: Rua S. Francisco de Salles, 41, ás Amoreiras



O Aferro do Cão de Fila



O cão de fila nunca solta o seu "aferro" até que o amo lhe ordena.

Os afamados Cadeados Yale, logo que são fechados, nunca soltam o seu "aferro" até que são abertos com as chaves individuais correspondentes. A sua construção forte de bronze resiste mesmo a golpes de martello grande.

Os Cadeados são de uso universal por toda a parte onde a segurança é necessaria. O conhecimento que ninguém tem aberto com gazuza com bom exito, estando em uso um Cadeado Modelo Yale, tem augmentado o seu emprego universal em todos os casos em que a segurança é de primeira importancia.

As condições do clima não affectam os Cadeados Modelo Yale. Não se enferrujam nem corroem sejam quaes fôrem as circumstancias.

A marca de fabrica "Yale" está claramente estampada sobre os Cadeados Yale, Fechadura de Trinco para usar durante a noite, Fechaduras de Constructores e para Portas de Depositos de Ferramentas, Fechaduras de Banco e Blocos de Cadeia. A marca de fabrica é a vossa garantia de segurança e origem.

THE YALE & TOWNE MFG. CO.

Nova York Estabelecida em 1868 E. U. A.



PELOS DO ROSTO



Extraem-se radicalmente com o uso do cientifico preparao OSODRAC. O grande consumo diario em Portugal, Brazil e colônias tem-o tornado universalmente conhecido e o mais preferido pelas suas qualidades de extração inofensiva, sobre todos os seus similares. Garante-se a sua eficacia com a restituição da quantia. Frasco 18000 réis, correio 18100. Depósito geral: F. Cardoso, Rua Alvaro Coutinho, 33 — LISBOA, e Drogaria Silva, Rua da Palma, 7; Rua do Bom-jardim, 284 — PORTO; Drogaria Portuguesa, Rua de João Távira, 11 — FUNCHAL.



LANCE A SUA FUNDA AO FOGO

Milhares de pessoas são curadas completamente e abandonam as suas Fundas.

Todas as importantes descobertas em comunicação com a Arte de Curar não são feitas por pessoas medicas. Existem excções e uma d'essas é verdadeiramente a maravilhosa descoberta feita por um intelligente e habil velho, William Rice. Depois de ter soffrido durante bastantes anos, de uma hernia dupla, a qual todos os medicos declaravam ser incuravel, decidiu-se dedicar toda a sua energia em tratar de descobrir uma cura para o seu caso. Depois de ter feito toda a especie de investigação velu por casualidade deparar com o que precisamente procurava e não só poude curar-se a si proprio completamente, assim como a sua descoberta foi provada em todas as classes de hernias com o



Cure V. S. a sua hernia e lance a sua Funda ao fogo.

oferece-se enviar gratuitamente a todo o paciente que sofra de Hernia, detalhes completos acerca d'esta maravilhosa descoberta, para que se possam curar como elle e centenas de outros o tem sido.

A Natureza d'esta maravilhosa cura eterna-se em dor e sem o menor inconveniente. As occupaões ordinarias da vida seguem-se perfeitamente enquanto que o Tratamento actua e cura completamente—não dá simplesmente alivio—de modo que as fundas não se tornarão necessarias, o risco de uma operação cirurgica desaparece por completo e a parte afetada cheira a ficar tão forte e tão sa como d'antes.

Tudo está já regulado para que a todos os eltores d'este jornal, que sofram de hernias, se sejam enviados detalhes completos acerca d'esta descoberta sem equal, que se remetem em despeza alguma e confia-se que todos que d'ela necessitem se aproveitarão d'esta generosa oferta. É sufficiente encher o coupon incluso e enviar-o pelo correio a direcção indicada.

COUPON PARA PROVA GRATUITA.

WILLIAM RICE (S 944), 8 & 9, Stonecutter Street, Londres, E.C., INGLATERRA.

Nome.....

Endereço.....



Redação, Administração e Oficinas — Rua do Seculo, 43—Lisboa

Namôro



— Não tenha ciumes, John, por isto não é para casar...

PALESTRA AMENA

Recitas academicas

Que saudades!

O costume das recitas academicas cremos que vem de Coimbra, onde é praxe antiquissima os quintanistas da faculdade de direito despedirem-se da vida universitaria com uma representação teatral, especie de revista dos acontecimentos escolares, desempenhada diabolicamente, no palco e na plateia, entre galhofas continuas, n'uma alegria que chega á loucura. No Porto e em Lisboa o habito enraizou-se mais tarde; em Lisboa as recitas academicas não datam de mais de 20 anos, mas, as primeiras, pelo menos, nada ficavam a dever ás coimbrãs, quanto a doçidade; representava-se mal, cantava-se mal—propositadamente mal—as peças eram más, tudo era mau, para ser alegre, irreverente e moço...

As actrizes eram marmanhões vestidos de mulher, as *ingenuas* apresentavam-se barbadas, as *bailarinas* tinham as barrigas das pernas, algodoadas, no sitio das canelas, parodiavam-se os lentes, castigavam-se os defeitos do ensino, pelo ridiculo, da plateia atirava-se para os *artistas* com corças d'alhos em vez de corças de luro, os *actores* apoderavam-se dos instrumentos da orquestra e tocavam musicas infernais...

Ora, o que nos fez recordar com saudades esses tempos foi precisamente uma recita academica a que acabamos de assistir, ali, no Ginasio, dada

Politica tauromaquica

Está claro que isto do sr. José Casimiro vir picar touros em Lisboa não pode deixar de ser tomado como ofensa, mais ou menos directa, ás instituições—mas, ainda quando tal não acontecesse, a prohibição da tourada de domingo com tal cavaleiro é medida muito de aplaudir, porque assim se evitou, muito provavelmente, acontecimento de maior monta.

—Mas como é que José Casimiro



ofende as instituições? perguntar-se-ha. Gritando—Eh! real! como costuma, quando provoca o bicho a marrar. Poderá ainda dizer-se que chamar «real» a um boi, se alguém pode ferir é precisamente os realistas, mas por outro lado José Casimiro quando diz: Eh!

pelos alunos da 7.^a classe do liceu Pedro Nunes. Alegre como as de ha 20 anos? Não—agradavel, sim, porque foi juvenil, mas comedida. Tres peças conhecidas, d'um acto, sendo uma d'elas o *Furtar*, de Bento Mantua e outra a *Ceia dos Cardeais*, de Julio Dantas, filosofica a primeira, social, demolidora de preconceitos, poetica e perfumada a segunda, de requintes literarios, fina, feita a buril. E não se julgue que os rapazes as representaram de troça, como seria desculpavel; não, senhores: desempenharam-nas como homens feitos, como actores de profissão, muito bem, mesmo muitissimo bem. E porque assim o fizeram, está claro que nas nossas palavras não ha o vislumbre d'uma censura; mas ha, como dizemos, a saudade d'outros tempos, em que os rapazes nunca sonhariam em ir buscar peças serias aos arquivos, dariam pançadinhas a quem lhes falasse em peças de tese ou de bugigangue poetica, mandariam bugiar pontos e contra-regras, improvisariam, falariam em cêna, fariam o diabo a quatro, de modo que os espectadores ao sair, diriam uns para os outros: —São da pele do demonio! e não o que disseram os que assistiram á *matinée* dos alunos do liceu Pedro Nunes: —São uns amadores muito distintos!

E já agora, um abraço a dois d'estes: a Eduardo Brazão, filho, que na *Ceia dos Cardeais* foi um amôre a Joaquim Seixas e Sousa, que no reu, do *Furtar*, teve passagens que um profissional invejaria.—*J. Neutral.*

real! emprega uma voz tão doce e saudosa que não pode deixar de despertar alentos nas almas talassicas e, por consequencia, indignação, nos republicanos.

Está tudo muito bem, mas não vale exagerar susceptibilidades. Se entram pelo caminho de não consentir que os artistas exerçam em publico as suas habilidades, muito tempo ainda que vê; no teatro, por exemplo, ficam a representar o *Amarante*, a *Etelvina Serra* e poucos mais.

A anedota dos SS

Aquelas obras do Rossio—com dois SS, pois então!—ainda não se esgotaram, como assunto de discussão. Notificou um jornal que estavam findas e logo veio o respectivo desmentido, afirmar que ainda não tinha sido removido todo o mosaico que tem de desaparecer, isto é, todos os SS pretos e brancos...

E a proposito do tal mosaico, aí vai uma anedota, que toda a gente conhece, mas que muito nos apraz narrar.

Um cidadão, a cair de bebedo, atravessava o Rossio, mas, como tivesse chovido recentemente imaginou que os SS brancos eram peças de agua e,

nos bicos dos pés, poz-se a saltar de S preto para S preto...

Assim fez até o fim do empedrado, junto do teatro Nacional. Ali, porém, terminado o mosaico e vendo que toda



a calçada era de pedra branca, exclamou:

—Bolas! isto agora só a nado!

E atirou-se de cabeça para baixo—rachando-a em seis partes, segundo resa a parte da policia, que nos foi presente.

Conferencias scientificas

O AR

Convidado pela direcção do *Seculo Comico* para derramar mais uma vez as luzes do meu saber sobre os seus leitores, principiarei por falar-lhes do ar, e isso por varios motivos, entre eles o de que por alguma coisa hei-de principiar.

O ar é, primeiro que tudo, um substantivo masculino, no singular, de multiplas applicações: serve, por exemplo, para arejar e em medicina é receitado com relativa eficacia para todos os doentes que sofram de falta d'ar. Assim, pois, o seu principal aproveitamento é na hygiene, mas isto não representa uma verdade absoluta, por quanto ha ares que podem produzir accidentes desagradaveis e até mesmo fatais: para não irmos mais longe, o *ar cenico*, por exemplo, deve ser tomado em doses minimas.

Abusando, outros contratempos de menos importancia, mas em todo o caso apreciaveis, o ar pode provocar. Ir aos ares, como é sabido, produz indignação não pequena; andar nos ares representa um estado de leviandade que pode prejudicar a saude; e ir ao ar faz perder o logar, o que tambem é para ponderação.

Se, por um lado, é em extremo agradavel que alguém nos dê um ar da sua graça, por outro uma cabeça no ar não é de apetecer. Em conclusão: n'este ponto, como em tudo, a virtude consiste no meio termo, de maneira que o leitor deve tomar ar, mas nunca em excesso—cautela com as correntes d'ar, por exemplo, quando não é um ar que lhe dá.

Dr. Ox.



TEATRADAS

Carta do "Jerolmo"

Crida Zefa du mê curassão:

Grassas a deas cá tanho istado cum a enfluensia du questume i pur iço nan me tem çido pussivle ir ó triato de maneira que nan vin u *D. Juan Tinorio*, nem u *Sagredo*, nem *Sua insolensia u papá* nem us *Loubos nu puvuaao*, mas tanho infromasão de tudo pur um cumpadre meu de Azoia de baixo cujo este munto gustou de tudo em ispecial dus loubos porque foi caseiro na quinta de val dus dittos e percebe munto de alimais. Contoume ca pessa ce cumpõe d'um toiro casado cum uma cabra que é atacada pur um loubu; vai dain u toiro mata u loubu. Pronto. Vamos agora ó *Sagredo* que vem a cer uma coisa que nan é sagredo pra ninguem, pur oitra, que nu triato as atrizes i us atores tem munta siameira uns dus oitros, a *Amelinha Culassa da Julietta Simões i viroverso*. u *Samoel Deniz du Rovles i viroverso*, etc. Finjem-se toudos munto amigos, mas nu fim lá ce descobre tudo, cai u pano i cumo ção peças bem inducadas çó na noite ce guinte é que descobrem oitra vez o jougo porque cá fora ção toudos amizade i mais amizade.

Sua insolensia u papá é uma coisa politeca lá da Intalia cum ca jente nan tem mêmo nada, que falla nu *Garibal-*



de cavar i oitros que nan xegam ós calcanhares du noço batistinha pur iço nan intreçou nada. Agora canto ó *D. Juão Tinorio* que tem um «cartel irrisório», nan porque dê vuntade de rir mas pur cosa da rima, é uma istupada cus ispanhoes costumam gramar in dia de toudos us santos mas cu noço *Julio Dantes* alleviou fazendua mais piquinina i mais terra á terra, com grandes aquelas. Infim, cumo te digo fallo pur infrumases munto ligéras, de manêra cu melhor é nan te fiares in mim desta vez porque talvez que tudo ceja u cuntrario d'isto. Acim cu ferrador dixer que eu poço çair tanho tinsão de ir peçoalmente verificar cu mê cumpadre de val de loubos me inturjou i intão te iscrevirei as minhas impersões peçoais. Sem mais pur oje arrusebe solidades i isperções ispersivas de quem ce acina i manda muntos recados a quem pur mim préguntar tê marido indigueno i sempre fixe

Jerolmo,

Emprezario do Pauliteama de Peras Ruivas.

EM FOCO



Dr. Costa Junior

*Quando eu era estudante e concertista
Da tuna, que assombrou a terra int-ira,
Quem sob açava a atilouqa bandeira
Eras tu, deputado socialista.*

*Foste depois doutor especialista
D'olhos, se bem me lembro, de maneira
Que ti aste muitissima peneira
A quem a tinha, embaciando a vista.*

*Pois bem: recordo o nosso tempo antigo
Para pedir-te, embora em tom faceto,
Já que tens influencia em tais janotas,*

*Que quando os bolchevistas, meu amigo,
Entre nós governarem, um soneto
Tenha o mesmo valor que um par de botas.*

BELMIRO.

As manchas do sol

De quando em quando o sol aparece com manchas e logo os sabios da natura se deitam a adivinhar sobre a causa e os efeitos de tal fenomeno. Como o aparecimento das ditas manchas coincide sempre com qualquer acontecimento que se dê na terra—facto que o amigo *Banana* foi o primeiro a notar—atribuem-se em geral esses acontecimentos ás manchas, como se o cotim tivesse alguma coisa com as calças.

Agora atribuem-se-lhes nada menos do que a revolta da Irlanda, a guerra entre o Japão e a Russia, os atentados dinamistas, o mau fabrico do pão em Lisboa, a falta de iluminação, etc., etc. Quanto ás causas, ha o desacordo do costume: doença no astro de dia, semelhante ao chamado pano na cara das gravidas, arrefecimento na parte manchada, nebulose que teimosamente

sol o que está é envergonhadissimo pelo espectáculo que a terra tem dado ultimamente e tapa a cara para não vêr.

Deve ser isto.

Correspondencia

X. T. L. (Coimbra).—Vamos estabelecer premios para a anedota mais parva que nos mandarem. Concorra, que tem probabilidades de ser premiada.

Antonio Barbosa.—Nada recebemos. Isto de correios...

Lima Junior.—Seu pae era estúpido; o amigo sai aos seus.

Alda A. X.—As senhoras podem descompôr-nos á vontade, que não nos fazem zangar. Receba um chi-coração e continue.

F. A. Silva.—Estravio, tambem.

Ignotus.—Obrigado, mas veio recordar-nos coisas tristes...

Torre de Chifre

Soneto

*Por mais que de meus olhos te esconas
Vejo-te sempre aqui e em toda a parte;
Oculta-te embora! Hei de encontrar-te
Na terra ou mesmo no mar, entre as ondas.*

*Como hão de as tuas formas tão redondas,
Deixar de dar nas vistas, primor d'arte?
Ocultrasses-te tu em Venus ou em Marte
Ou ainda em regiões mais hediondas!*

*Assim tu tambem me visses a toda a hora,
Como a mi'h'alma sempre te enamora
E te busca na mais reconidia espessura!*

*Foge, se quizeres, que será em vão!
E's iman, não tem outra explicação,
Eu a agulha apontando para a ventura!*

J. Carmo S. Soeiro

se intrepõe no caminho da terra ao sol, etc.

Pois então lá vai a nossa opinião. O



No covil



O BICHO:

— Só agora é que estou convencido de que fui caçado!